

Flexão nominal e verbal em Guimarães Rosa

Luiz Carlos de Assis Rocha*

Resumo

Este trabalho procura encontrar uma chave para a interpretação da obra de Guimarães Rosa, naquilo que ela tem de mais interessante e inovador, que é a revolução lingüística. Pesquisas anteriores que procuraram analisar a língua rosiana de acordo com a teoria tripartite da linguagem (Sistema, norma e fala), de Eugenio Coseriu, chegaram à conclusão de que o autor, em muitos aspectos, ultrapassa os limites do sistema da língua portuguesa. Este artigo analisa o tratamento que o autor mineiro dispensa à questão da flexão nominal e verbal em sua obra, examinando-a sob o mesmo enfoque da tripartição da linguagem. Embora o romancista tenha ultrapassado os limites da norma e do sistema da língua portuguesa, ele o faz de maneira tão parcimoniosa e em grau tão reduzido, que se chega à conclusão de que as inovações lingüísticas operadas por Guimarães Rosa no campo da flexão nominal e verbal restringem-se, de um modo geral, àquilo que pode ser considerado normal em língua portuguesa.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Língua de Guimarães Rosa; Estilo de Guimarães Rosa; Flexão nominal e verbal; Morfologia.

J á se disse que a verdadeira revolução rosiana se dá entre o escritor e a língua. De fato, o terremoto lingüístico causado por Guimarães Rosa talvez seja o principal responsável pela unanimidade que existe em torno de sua obra. A crítica literária contemporânea e, mais especialmente, a “crítica lingüística” – se é que podemos dizer assim – reconhecem a existência de um “espaço particular” (para usarmos uma expressão de Roland Barthes), único e inimitável, que constitui a língua do grande escritor mineiro.

Apesar disso, a língua de Guimarães Rosa continua relativamente pouco estudada, se comparamos com a torrente crítico-literária que existe em torno de sua obra.

* Universidade Federal de Minas Gerais.

Por que **Grande sertão: veredas** é uma obra ímpar, sob o ponto de vista lingüístico? Qual é a chave para a compreensão da língua de Guimarães Rosa?

Com base na teoria de Eugenio Coseriu, conhecida como “Sistema, norma e fala”, Versiani (1975, p. 84), após estudar o emprego do modo subjuntivo em orações subordinadas e independentes na obra que estamos analisando, chega à seguinte conclusão:

No caso da sintaxe, porém, e particularmente no ponto aqui examinado, não se pode dizer que Guimarães Rosa esteja “dentro do sistema, embora fora da norma.” Creemos ser possível definir a sua sintaxe como co-sistema do português – noção que tem sido empregada em dialetologia e que aqui parece caber. Grande parte dos usos que o autor faz do subjuntivo são comuns à língua portuguesa, mas outros são inteiramente novidade. Ainda que se origine, levando-o a extremos de elasticidade, no valor básico do subjuntivo na língua ao processo verbal comunicado – não os podemos considerar apenas “violação ou ampliação da norma”. O sistema de modos verbais de **Grande sertão: veredas** não é o da língua portuguesa, apesar de em parte os dois se sobreponem.

A afirmativa de que “o sistema de modos verbais de **Grande sertão: veredas** não é o da língua portuguesa, apesar de em parte os dois se sobreponem”, pode parecer um pouco forte, mas, no decorrer do artigo a professora demonstra que, de fato, Guimarães Rosa rompe, em diversas passagens de sua obra, não só com a norma, mas também com o sistema da língua portuguesa. Em seguida são transcritos alguns exemplos, com o imperfeito do subjuntivo, que comprovam a transgressão sintática do romancista (VERSIANI, 1975, p. 133-134):

Afinal ele falou: *fôsse* o Almirante Balão. (p. 253)

E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, *desse* a minhas carnes alguma coisa. (p. 103)

Mas eu tirei de dentro de meu tremor as espantosas palavras. Eu *fosse* um homem novo em folha. (p. 395)

— Mataram Joca Ramiro!...

Aí *estralasse* tudo – no meio ouvi um uivo doido de Diadorim... As vertentes verdes do pindaibal *avançassem* feito gente pessoas. (p. 280)

Ah, no abre-bôca, comum que babando, às vezes sangue babava. Ao mais *gemesse*, repuxando a cara, pelo que verdadeiro muito doía. Agüentava. Assim *esquentasse* demais; para refrescar, então ele bochechava a breve, com um caneco de água com pinga. (p. 157)

A transgressão ao subsistema sintático da língua portuguesa não se limita, porém, ao emprego dos modos verbais. Embora não estude a língua rosiana sob o enfoque da tripartição coseriana da linguagem, Daniel (1968) aponta inúmeros exemplos em que se pode comprovar que a transgressão se dá nos mais diversos campos da sintaxe.

Como deve ser analisada a questão sob o ponto de vista da morfologia? Também nesse componente lingüístico podemos dizer que o autor não só rompe com a norma, mas também com o sistema da língua portuguesa?

Rocha (1998b) estuda a questão sob o ponto de vista da morfologia derivacional e chega à seguinte conclusão: “Enfim, pelo fato de se utilizar de um conjunto de regras morfológicas inexistentes no português, podemos concluir que Guimarães Rosa criou inúmeros itens lexicais em sua obra que não podem ser caracterizados como vocábulos da língua portuguesa” (p. 98). Dentre os inúmeros exemplos estudados pelo autor, citam-se os seguintes:

Agora, ao pôr-do-sol, desciam as canoas – de enfia-a-fino, serenas, *horizonteantes*... (TU, 1967, p. 25)

Inteiro na fama – olh’alegre, justo, *intelligentudo*... (TU, p. 177)

Era o danado jagunço: ... *ensimesmudo*, sobrolhoso. (TU, p. 29)

Seu, *cujudo*, legítimo, era o ginete... (TU, p. 130)

Da varanda, Sa-Maria Andreza e eu, nós, a gente contemplava: os cavaleiros, na *congracez*, em boa ida. (PE, 6. ed., p. 113)

...eu já declinava para *nãoezas*? (PE, p. 106)

Quim, o novo-casado, de mesuras sem cura, com esquisitâncias e *coisinhiquezas*... (TU, p. 109)

Como se dá a questão sob o ponto de vista do componente flexional da língua? Como se sabe, a morfologia de muitas línguas, como a portuguesa, por exemplo, apresenta três componentes básicos: o derivacional, o composicional e o flexional. Embora seja uma questão complexa a fixação das categorias gramaticais que caracterizam o componente flexional de uma língua (ANDERSON, 1992; ROCHA, 1998a), podemos dizer, em síntese, que os nomes apresentam as flexões de gênero e número e o verbo as de pessoa, número, tempo e modo.

Este trabalho pretende examinar o tratamento que Guimarães Rosa dá às flexões nominais e verbais em **Grande sertão: veredas**, tendo em vista a teoria tripartite desenvolvida por Coseriu (1979), conhecida como “Sistema, norma e fala”. Continuando a linha de raciocínio desenvolvida em duas publicações anteriores (VERSIANI, 1975; ROCHA, 1998b), pretende-se examinar especialmente se o emprego das flexões na obra em questão:

- a) circunscreve-se no âmbito específico da norma;
- b) ultrapassa os limites da norma, sem, contudo, ultrapassar os limites do sistema;
- c) ultrapassa os limites do sistema, caracterizando-se assim o que se pode chamar de transgressão morfológica.

Na seqüência deste trabalho, são examinadas algumas passagens de **Grande sertão: veredas** (ROSA, 1967), em que se analisa a questão acima especificada.

FLEXÃO NOMINAL: NÚMERO E GÊNERO

Número

A – Nome:

Subst. simples:

“... pão ou pães é questão de *opiniões*...” (9)

Subst. composto:

“Mais tempo se gastou, esbarrados em *casas-de-fazendas* ou povoados”. (409)

“Reunindo mais *braços-de-armas*, beira da Bahia”. (129)

“Nela, para ser minha mulher, aquêles *usos-frutos*”. (239)

“A gente era os *medeiro-vazes*”. (37) (41)

B – Advérbio

“No borusco, o Hermógenes corria, *longes*, de nós sempre”. (238)

“... agora aquela ocasião, a gente *por baixos*...” (66)

“Tinha esfaqueado na sala um promotor, em *outroras*”. (272)

“... dar de mão de minha tenção? *Nuncas*...” (383)

“... e dele disse *sòmentes* – S... – Sertão...” (448)

OBS.: COMO NOME ⇒ DESCARTAR:

“Por êsses *longes* todos eu passei...” (23)

Não se deve considerar esse caso como transgressão, porque o emprego de um advérbio como substantivo é um fenômeno normal em português.

C – Numeral

“Se ia, aos *vintes e trintas*, com Zé Bebelo de bota-fogo”. (238) (238, 274, 295, 319, 340)

D – Pronome

“De certo *nadas* e *noves*...” (42) (93)

“*Que’s* homens?” (335)

E – Conectivo

“... eu não podia proceder mal, *aindas que* quisesse”. (112) (229, 333, 385, 391)

“... não podia ser êle, *foras de norma*”. (174)

“Mas, no vir *de cimas* desse morro, do Tebá...” (392)

Quanto à flexão nominal de número, cabem as observações que se seguem.

Em “... pão ou pães é questão de *opiniães*...”, tem-se um único caso, em **Grande sertão: veredas**, de um substantivo que extrapola os limites da norma. O autor assim o faz, ao usar *opiniães* em vez de *opiniões*, mas permanece nos limites do sistema, uma vez que o plural dos nomes em português pode se dar de três maneiras: em *-ãos* (*irmãos*), *-ães* (*capitães*) e *-ões* (*limões*). Aqui prevalece o aspecto lúdico da linguagem, de que tantas vezes lança mão Guimarães Rosa, ao estabelecer a rima com *pães*.

Nos casos restantes de flexão de número, apontam-se exemplos que poderiam ser enquadrados como transgressões ao sistema da língua portuguesa (*nuncas, somentes, nadas, noves, aindas que, foras de* etc.). A questão é que esses casos são tão poucos (os exemplos deste trabalho são exaustivos) – principalmente considerando-se que se trata de uma obra de quinhentas páginas –, que se pode afirmar que as extrapolações ao sistema são bastante tímidas.

Gênero

A – Mudança de gênero

⇒ Seres animados:

“... era *criaturo* de Deus, que nú por falta de roupa...” (44)

“Diadorim, ele, firme se mostrando, feito *veada-mãe*...” (442)

⇒ Não-pessoas:

“... aquêlo silêncio, que pior que uma *alarida*”. (207)

“... corda de três tentos, três *tranços*”. (32)

“... me deram *naca* de carne...” (69)

“... e revestido de *paramenta*...” (10)

“... constado chato o *fôrmo* do nariz...” (291)

B – Mudança de gênero com modificação da palavra

“Passado o Porto das Onças, tem um *fazendol*...” (24) (por *fazendola*, fem.)

“... fomos caminhando, no meio da *queleléia* do povo.” (214) (por *queleleu*, s. m., ‘mexerico’)

C – Mudança da vogal final na derivação regressiva, com mudança de gênero

“... tudo numa *estraga* extraordinária...” (191)

“... vem um *cismo* de fio de cabelo no ar...” (131)

“... a gente podia ver *resenho* de toda geração de montadas”. (196)

D – Flexão de gênero, em decorrência do emprego da palavra como adjetivo “[Hermógenes] sendo em sendo o *raposo meco*”. (179)

“O que tinha sido *antanha* a história mesma dele...” (36) (*antanho*: adv. – ‘outrora’)

“... usufruíam quinhão da minha *andraja* coragem”. (384) (*andrajo*: s. m. – ‘veste, farrapo’)

“... eu vi o mundo *fantasmo*”. (438)

“... o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, *carantonho*...” (*carantonha*: s. f. – ‘cara feia’)

“... pedido *madrasto*...” (13)

“Montante, o mais *supro*, mais sério – foi Medeiro Vaz”. (16) (*supra*:- prefixo)

“... êsses bateavam em faisqueiras – no recesso *brenho* do Vargem-da-Croa...” (28) (*brenha*: s. f. – ‘mata espessa, confusão’)

“... e cangussú *monstra* pisa em volta...” (23)

Apesar de as intervenções rosianas serem um pouco mais numerosas na flexão de gênero do que na flexão de número, mesmo assim pode-se concluir que a sua interferência é mínima. Algumas dessas intervenções aproximam-se de tendências existentes na língua, que podem ser consideradas normais, como se verifica em:

- “*criaturo* de Deus” – *criaturo* é um substantivo epiceno, que é usado apenas em sua forma feminina. No entanto, há outros epicenos que são usados em sua forma não consagrada, como *carrasca*, por *carrasco* (“a professora é uma *carrasca*”) e *apóstola*, por *apóstolo* (“ela uma *apóstola* da caridade”). *Criaturo* não deve, portanto, ser considerado um caso de violação ao sistema.
- “*veada-mãe*” – nomes que designam animais em português podem se apresentar em pares opositivos (*pato/pata*, *peru/perua*, *galo/galinha*, *leão/leoa*, *bode/cabra*, *boi/vaca*, etc.) ou não (*besouro*, *crocodilo*, *baleia*, *cabra*, *jacaré*, *tatu*, etc.). Essa dupla possibilidade é um fato da norma, não, do sistema.
- “*estraga*, *cismo*, *resenho*” – os três exemplos em questão são considerados como resultados de derivações regressivas dos verbos *estragar*, *cismar* e *resenhar*. Em português estão previstas pelo sistema formações desse tipo com vogal nominal em *-a* (*busca*, *censura*, *ajuda*), *-o* (*amparo*, *contorno*, *afago*) e *-e* (*alcance*, *debate*, *toque*). A troca das vogais finais dos nomes considerados normais – *estraga* por *estrago*, *cismo* por *cisma*, e *resenho* por *resenha*) – pode ser considerada, portanto, como um fenômeno que se circunscreve dentre dos limites do sistema da língua portuguesa.

As intervenções rosianas no gênero da palavra podem ir de exemplos mais brandos, como os apontados acima, até exemplos mais complexos, como os casos restantes. É o que dá, por exemplo, com *alarida*, *tranço*, *naca*, *paramento*, *fôrmo*, *fazendol* e *queleléia*, em que a mudança não encontra explicações no siste-

ma da língua. Mesmo nos exemplos da letra *d*, em que substantivos são empregados como adjetivos, a mudança do gênero da palavra parece soar como algo estranho aos ouvidos do falante do português.

Na verdade, repetindo o que foi dito anteriormente, o que chama a atenção do analista é o fato de esse recurso estilístico (mudança de flexão nominal) ter sido empregado de maneira tão parcimoniosa em sua obra. As repercussões dessa atitude serão analisadas com mais rigor na conclusão deste trabalho.

FLEXÃO VERBAL

A – Verbos em -iar

Na tradição gramatical da língua portuguesa, verbos em *-iar* apresentam diferenças no modelo de conjugação, conforme o quadro:

- iar ⇒ regulares – arrepiar, apreciar, pronunciar, premiar, variar etc.
- ⇒ irregulares – como odiar: mediar, ansiar, remediar, incendiar.

Trata-se, porém, de diferenças circunscritas ao emprego culto da linguagem, uma vez que na norma popular essa distinção desaparece.

“Anta entra n’água, se *rupêia*”. (116) (10)

“... é o que o povo daqui agora *apreceia*”. (13) (14, 180, 254, 259)

“... mas que ele *pronuncia* aquilo fora boca...” (20)

“... se não eles por si *providenceiam*...” (103)

“... o Governo lhe repraz e lhe *premêia*”. (254)

“... que mal *vareia*...” (302)

B – Formas irregulares

“... quem de si de ser jagunço se *entrete*...” (11)

“*Divêrjo* de todo mundo...” (15)

“*Dúvido* dez anos...” (34)

“... êle e a mulher dele, sempre *sidos* bons...” (13)

O que chama a atenção, mais uma vez, no caso da flexão verbal, é a estrita obediência à norma considerada, digamos assim, *normal* da língua portuguesa, independentemente de suas variações populares ou eruditas. Veja-se que os exemplos apontados acima, na letra B, que são exaustivos em sua obra, são muito restritos.

CONCLUSÃO

A pergunta óbvia que ocorre ao estudioso da língua de Guimarães Rosa, ao final deste trabalho, é: por que o autor, tão revolucionário e tão transgressor, como vimos, no que se refere à sintaxe (emprego do subjuntivo) e à morfologia (criação lexical), foi tão comedido em suas intervenções com relação à flexão nominal e verbal? De fato, como procuramos expor acima, em uma obra de aproximadamente quinhentas páginas, pudemos constatar que o emprego que o autor faz das variações nominais de gênero e número e das variações verbais circunscreve-se no âmbito específico da *norma lingüística*, no sentido que lhe confere Coseriu. São raras as transgressões de Guimarães Rosa ao sistema flexional da língua portuguesa.

Por que isso se dá em **Grande sertão: veredas**? Por que o sistema flexional da língua portuguesa permanece praticamente intocado, quando alguns leitores, um pouco apressadamente, é verdade, se arvoram em dizer que o romancista teria criado uma nova língua?

A conclusão a que se chega é a de que o sistema flexional é uma das características mais fortes e imutáveis de uma língua. Enquanto palavras são criadas a todo momento, não surgem novas formas para se expressar o plural ou para dar uma feição diferente ao imperfeito do subjuntivo, por exemplo. As desinências nominais e verbais do português – e, conseqüentemente, as formas nominais e verbais – constituem uma “lista fechada”, para usar uma expressão tão cara aos estruturalistas. A esse propósito são interessantes as palavras de Câmara Jr. (1970, p. 72):

É uma relação fechada, por exemplo, que vigora entre *cantávamos* e todas as demais formas do verbo *cantar*, ou entre *lobos* ou *loba* e o nome básico singular *lobo*. Aí, nas palavras de Halliday “a lista dos termos é exaustiva”, “cada termo exclui os demais” e não está na nossa vontade introduzir um novo termo no quadro existente.

Também sob o ponto de vista diacrônico, é impressionante notar a sobrevivência das formas verbais latinas no português, como, de resto, nas línguas românicas. É sabido que o sistema verbal latino apresenta uma estrutura diferente, apoiada em pilares distintos, como os tempos do *inflectum* e do *perfectum*, por exemplo, mas basta um breve cotejo entre as formas verbais das duas línguas para se chegar à conclusão de que a semelhança formal entre os tempos verbais é muito grande.

Guimarães Rosa, em **Grande sertão: veredas**, permanece, portanto, dentro dos limites do *sistema* da língua portuguesa, no que se refere à flexão nominal e verbal. Mesmo com relação à *norma lingüística*, são poucos os exemplos em que se dá a violação. Os casos em que se dá a extrapolação ao sistema e à norma da

língua são tão restritos (principalmente considerando-se a extensão da obra), que podem ser considerados desprezíveis.

Podemos concluir que o sistema flexional do português, pelo fato de constituir um dos componentes mais rígidos e marcantes da língua, permanece praticamente intocado em **Grande sertão: veredas**.

Abstract

This paper aims to find the key for the interpretation of Guimarães Rosa's work, in which it has the most interesting and innovating aspect, the linguistic revolution. Former researches have tried to analyze the author's language in accordance to the tripartite theory of his language (System, standard and speech), from Eugenio Coseriu, they have come to conclusion that the author, in many aspects, transcends the limits of the Portuguese language system. This article analyzes the author's view given to the nominal and verbal inflection present in his work, examining it under the view of the tripartition of language. Although the novelist has exceeded the standard and system limits of the Portuguese language, he does it in a such careful and reduced way, that one concludes that the linguistic innovations made by Guimarães Rosa in the field of the nominal and verbal inflection, restricts, in a general way, to what may be considered normal in the Portuguese language.

Key words: Guimarães Rosa; Guimarães Rosa's language; Guimarães Rosa's style; Inflection; Morphology.

Referências

- ANDERSON, Stephen R. **A-morphous morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: travessia literária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998a.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Guimarães Rosa e a terceira margem da criação lexical. In: MENDES, Lauro Belchior; OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de (Org.). **A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998b. p. 81-100.
- VERSIANI, Ivana. Para a sintaxe de *Grande Sertão: Veredas* - Valores do subjuntivo. In: COELHO, Nelly Novaes; VERSIANI, Ivana. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Quíron, 1975. p. 79-142.

